

## ATRIBUIÇÃO DE FOCO NO PORTUGUÊS E NO INGLÊS FALADO

Roberto Gomes CAMACHO<sup>1</sup>  
Patrícia Fernanda Cherubini BRENTAN<sup>2</sup>

- **RESUMO:** Examinam-se, neste trabalho, as construções marcadas de atribuição de foco na língua falada, comparando-se o português e o inglês, com o objetivo de estabelecer um padrão tipológico de comportamento funcional, com base na GF de Dik (1997), e na RRG, de Van Valin e Lapolla (1997). Na concepção da RRG, tanto o português quanto o inglês são línguas de estrutura de foco flexível, em virtude de o constituinte focal incidir, sem restrições, sobre qualquer constituinte da oração; e de rigidez sintática, em virtude de apresentarem ambas uma ordem fixa de palavras – a ordem SVO – que não precisa ser necessariamente modificada para acomodar a expressão focal. Os resultados demonstram que, apesar dessas similaridades, o português e o inglês se situam em diferentes pontos de um *continuum*: o português dispõe de uma sintaxe menos rígida e de foco menos flexível que o inglês. Além disso, a interação entre a natureza dos mecanismos de focalização e seu escopo com o grau de rigidez da estrutura sintática mostra que é muito pertinente a aproximação entre a GF de Dik e a RRG de Van Valin e Lapolla.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Língua falada; ordem de palavras; função pragmática; foco.

### Palavras iniciais

Um dos aspectos mais característicos do paradigma funcionalista é definir a língua como um instrumento de interação social. Nesse aspecto, a competência comunicativa, que consiste na habilidade de interagir socialmente com a língua, implica a idéia de que o falante dispõe não apenas da capacidade de codificar e decodificar

---

1 Departamento de Estudos Linguísticos e Literários - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP - Brasil. E-mail: camacho@tll.ibilce.unesp.br (Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq), (Processo n.301185/92-1).

2 Mestre em Estudos Linguísticos - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP - Brasil.

expressões linguísticas, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacional satisfatória.

Dik (1989) afirma que a interação verbal, ou seja, a interação social por meio da linguagem, é uma forma de atividade estruturada e cooperativa. Uma atividade é estruturada por ser governada por regras, normas e convenções e é cooperativa no sentido óbvio de que precisa de pelo menos dois participantes. A linguística funcional trata de dois tipos de sistemas de regras: as que governam a organização das expressões linguísticas (semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e as que governam os padrões de interação verbal no qual essas expressões linguísticas são usadas (regras pragmáticas).

O sistema de regras gramatical é instrumental em relação aos objetivos e propósitos do sistema de regras pragmáticas, ou seja, a exigência básica do paradigma funcionalista é a de que as expressões linguísticas devem ser descritas e explicadas como uma estrutura geral fornecida pelo sistema pragmático de interação verbal. A atribuição de funções pragmáticas tem a função de especificar o estatuto informacional do enunciado em relação ao contexto comunicativo, que pode ser entendido com base na avaliação que faz o Falante (F) da informação pragmática do Ouvinte (O) no momento da comunicação. O estatuto informacional define duas funções pragmáticas, a de Tópico, ou seja, sobre o que se fala, dado o contexto informacional em que ocorre a oração, e a de Foco,<sup>3</sup> ou seja, a propriedade pragmática relacionada aos constituintes comunicativamente mais importantes ou salientes da oração em função da avaliação de F em relação à informação pragmática de O.

O modelo de Van Valin e LaPolla (1997), *Role and Reference Grammar* (RRG), também vê a língua como um sistema de ação social comunicativa. Sua concepção de gramática incorpora o princípio de que a estrutura gramatical só pode ser entendida com referência às funções semântica e pragmática, o que o aproxima do modelo de Gramática Funcional (GF) de Dik.

Van Valin e LaPolla (1997) entendem que a descrição de um fenômeno linguístico deve incluir um tratamento do modo como as línguas se diferenciam umas das outras, ou seja, do sistema tipológico a que pertencem. Assim, além da necessidade de adequação pragmática, a descrição das línguas deve basear-se também na necessidade de uma adequação tipológica, conforme acentua Dik (1989, p.12).

De uma perspectiva tipológica, algumas línguas dispõem de sistemas muito elaborados de Foco, e a diferentes tipos correspondem diferentes estratégias formais. Segundo Dik (1989), esses sistemas elaborados requerem uma subcategorização da função focal e os principais parâmetros consistem no escopo do Foco, o que Van Valin e LaPolla (1997) entendem por relação entre o domínio potencial e o domínio real. Embora mencione a necessidade de determinar a dimensão “êmica” da focalidade, o que significaria especificar as distinções que devem integrar-se numa gramática para explicar as diferentes estratégias de focalização de que dispõe uma língua, Dik não desenvolve uma classificação tipológica, tal como a RRG.

---

<sup>3</sup> Para ser fiel à GF de Dik, mantemos com letra maiúscula a inicial das palavras empregadas em função metalingüística, como os termos denominadores de funções sintáticas, pragmáticas e semânticas.

Van Valin e LaPolla (1997) se valem de uma classificação originalmente proposta por Lambrecht (1994) para determinar uma tipologia lingüística com base nas diferentes estratégias gramaticais para atribuição de Foco, que se assenta, principalmente, na distinção entre Foco estreito (*narrow focus*) e Foco largo (*wide focus*). O foco estreito se aplica a um único constituinte oracional, enquanto o foco largo pode incluir mais de um constituinte ou mesmo todos os constituintes com exceção do tópico da oração.

Uma distinção muito útil e crucial para um estudo tipológico é a que Van Valin e Lapolla (1997, p.206) estabelecem entre o domínio potencial de Foco (*potencial focus domain*) e o domínio real (*actual focus domain*). O primeiro se refere à parte da sentença que pode receber função focal, e o segundo à parte da sentença realmente focalizada. Nem todas as línguas disponibilizam a sentença toda para o domínio potencial de Foco, o que traz, segundo o autor, conseqüências importantes para a interação entre sintaxe e estrutura focal.

O objetivo deste trabalho é examinar a atribuição de foco com a finalidade específica de estabelecer comparação tipológica entre a gramática do português e a do inglês com atenção teórico-metodológica para o estudo da língua em uso no contexto discursivo.

Segundo Dik (1989), os mecanismos lingüísticos universalmente empregados para a formulação de construções de foco marcado podem ser subcategorizados do seguinte modo: proeminência prosódica; uso de marcadores especiais, que são caracterizados lexicalmente por advérbios focalizadores como *principalmente*, *só*, *mesmo* etc.; construções especiais, notadamente construções clivadas e pseudoclivadas; ordem especial de constituintes. Esses mecanismos podem incidir sobre toda a predicação (caso de foco largo) ou sobre algum constituinte oracional (caso de foco estreito) (VAN VALIN; LaPOLLA, 1997). O que se pretende enfatizar especificamente neste trabalho não é somente a distribuição desses mecanismos gerais de marcação focal no português e no inglês, mas também, e sobretudo, a relação dessa distribuição com o escopo focal, que, também segundo Dik (1989, p.281), pode ser tanto a sentença toda quanto constituintes dela, como o predicado, um termo ou um operador de predicado, o que definiria as noções de foco largo e foco estreito de Van Valin e LaPolla.

Dik (1989) entende ainda que as construções marcadas e não marcadas de Foco ocorrem tanto intralingüística quanto translingüisticamente, o que aponta para diferenças tipológicas relevantes entre as línguas, aspecto mais desenvolvido em Van Valin e LaPolla (1997).

### **Uma abordagem tipológica da expressão focal**

Van Valin e LaPolla (1997) estabelecem uma relação de interface entre o componente pragmático e o sintático, comparando tipologicamente as línguas em termos de rigidez vs. flexibilidade de ordem de palavras, por um lado, e rigidez vs. flexibilidade de estrutura focal, por outro.

Entendem que a flexibilidade ou rigidez sintática das línguas está relacionada com a ordem de seus constituintes, ou seja, com a possibilidade de as línguas alterarem ou não sua ordem de palavras durante a comunicação. Já a flexibilidade ou rigidez focal estão relacionadas ao domínio potencial de foco.

De acordo com a distinção relativa à ordenação dos constituintes e, portanto, à sintaxe, línguas como o inglês e o toba batak (uma língua falada na Indonésia) representam o tipo "rígido" de ordem de palavras, enquanto línguas como o russo, o polonês e o latim representam o tipo "flexível". O contraste entre os tipos rígido e flexível de estrutura focal se refere às restrições impostas sobre o domínio potencial de foco. Assim, línguas cujo domínio potencial incide sobre qualquer constituinte dispõem de uma estrutura de foco flexível, enquanto línguas cujo domínio potencial incide sobre um constituinte único e específico da oração dispõem de estrutura rígida de foco.

O que caracteriza o inglês como uma língua de sintaxe rígida e estrutura de foco flexível é o fato de dispor de um padrão relativamente rígido de ordem de palavras, a estrutura SVO; todavia, a função focal pode incidir sobre todo o predicado, toda a oração, somente sobre o SN sujeito ou somente sobre o SN objeto, ou, mais especificamente ainda, sobre um satélite ou os operadores de predicado e de termos (DIK, 1989).

Se o inglês licencia prontamente a incidência de foco sobre qualquer constituinte interno da oração, desde a posição especial inicial até adjuntos no final da oração, essa língua se identifica por ter estrutura de foco flexível: o domínio potencial inclui todos os constituintes da oração, sem nenhuma restrição. Além disso, o inglês não tem necessidade de mudar a ordem de palavras para acomodá-la às diferentes possibilidades de expressão focal; é como se a estrutura focal se adaptasse à rigidez sintática, de modo que o Foco poderia ser atribuído mediante expressão prosódica. Embora línguas como o inglês permitam variação de ordem para fins pragmáticos, essa condição sintática não é obrigatória.<sup>4</sup> Em línguas como o italiano, mudanças de ordem são obrigatórias para acomodar restrições da estrutura focal.

Como se sabe, o português também manifesta, como o inglês, uma ordem SVO relativamente rígida<sup>5</sup> e, tanto quanto se pode conjecturar, dispõe de um sistema flexível de expressão focal, seja mediante a colocação de SN focalizado na posição inicial da predicação, seja mediante o uso de acento contrastivo no constituinte sobre o qual deve incidir a saliência focal. Similarmente ao inglês e ao toba, o português mantém uma posição inicial fora da estrutura da predicação, chamada P1, para a expressão de constituintes topicalizados, que Dik (1989) chama mais apropriadamente de Tema.

Antes de argumentar em favor de uma hipótese tipológica, é necessário discutir o modo como Van Valin e LaPolla (1997) definem um tipo oposto, as línguas da família banto, que, diferentemente do português, do inglês e do toba, dispõem de sintaxe flexível associada a uma rígida estrutura de foco. Nesse tipo de línguas, há uma restri-

4 Segundo Van Valin e LaPolla (1997), o toba tem uma ordem SOV relativamente rígida, mas, diferentemente do inglês, dispõe de um rico sistema de partículas marcadoras de Foco e, por isso, não depende de procedimentos prosódicos.

5 Dik (1989) apresenta um esquema geral do tipo P2, P1 (V) S (V) O (V), P3. Nesse esquema, as posições P2 e P3 estão reservadas para os constituintes extra-oracionais Tema e Antitema, respectivamente, e as vírgulas indicam pausa entonacional. A posição P1 é normalmente preenchida por palavras-Q, pronomes relativos e conectores subordinativos; se nenhum desses constituintes estiver presente na oração, essa posição pode ser ocupada por um constituinte com função de Foco ou de Tópico. Para um tratamento funcional da ordem de palavras em português, cf. Pezatti e Camacho (1997).

ção absoluta ao aparecimento de elementos focais em posição pré-verbal. Como línguas SVO, o sujeito deve ser altamente tópico e conter informação dada. Todo SN em posição pré-verbal deve ser interpretado como tópico, não foco, enquanto SNs pós-verbais podem receber ambas as interpretações dependendo do contexto. Com verbos intransitivos, ocorre um sujeito focal após o verbo e a posição de concordância de sujeito no verbo é preenchida por um marcador locativo.

O principal impacto dessa restrição está na expressão de interrogativas-Qu: palavras-Qu das línguas banto são sempre focais e, por isso, como não podem ocorrer em posição pré-verbal, devem aparecer no final da sentença (na forma não marcada) ou em posição pós-verbal em construção clivada (na forma marcada). Como consequência dessa condição, não é possível ter uma pergunta em que o pronome interrogativo seja o sujeito. Para acomodar essa situação, usa-se uma construção passiva ou uma forma clivada para ser possível colocar o pronome interrogativo na posição pós-verbal de Foco, a única permitida.

O domínio potencial de foco em línguas banto não abrange a oração toda, como em português, inglês e toura, restringindo-se ao verbo e aos elementos seguintes. Como há opções sintáticas para dar conta da proibição de elementos focais em posição pré-verbal, línguas desse tipo são caracterizadas por terem estrutura rígida de Foco e sintaxe flexível: é a sintaxe que, mediante o uso de passiva, inversão de sujeito e dois tipos de construções clivadas, adapta-se à estrutura focal e não o inverso.<sup>6</sup>

Um bom exemplo de uma língua em que a estrutura sintática e a estrutura focal são rígidas é o francês. Lambrecht (1986 apud VAN VALIN, 1999) argumenta que o francês tem a mesma restrição contra sujeitos focais pré-verbais que o italiano, mas, diferentemente deste, não dispõe de uma construção de inversão de sujeito. A sintaxe do francês resolve os requisitos dessa regra usando uma construção em que um sujeito focal diferente aparece pós-verbalmente, podendo, assim, satisfazer essa restrição. Em focos sentenciais, o francês dispõe, primeiro, de uma construção com *j'ai* (eu tenho) no início, que nada adiciona semanticamente a uma oração como *j'ai ma voiture qui est en panne*, enquanto o SN *voiture* é marcado com o possessivo de primeira pessoa. Em segundo lugar, parte da informação asseverada, focal, aparece numa oração relativa, fenômeno um tanto inusitado, dado que orações relativas são normalmente pressupostas, não afirmadas. Não obstante, essa construção alivia a restrição sobre material focal pré-verbal, com *ma voiture* aparecendo após o verbo da oração matriz. Já no caso de o foco incidir sobre o argumento, usa-se uma sentença clivada. Embora o francês permita, como o italiano, que palavras-Qu apareçam em posição pré-verbal, há uma forma clivada alternativa, como *C'est Qui Qui a préparé la nourriture?*, que permite conservar a restrição de foco na posição pré-verbal. Segundo Lambrecht (1994), essa construção é de fato preferida na modalidade falada, de modo que há indícios de que o francês está mudando para a proibição absoluta de elementos pré-verbais na expressão focal.

---

6 Uma língua mais próxima desse subtipo é o italiano. Todavia, a restrição do italiano é apenas com SNs focais em posição pré-verbal, e por isso tanto em Foco oracional quanto em Foco argumental o sujeito focal deve estar em posição pós-verbal, o que é expresso mediante inversão ou clivagem. A proibição de elementos pré-verbais não é absoluta, já que o italiano licencia palavras-Q em posição especial de início de oração (VAN VALIN; LaPOLLIA, 1997, p.213).

O quarto tipo de língua é o que mantém flexíveis tanto a estrutura sintática quanto a estrutura focal. Um bom exemplo é o russo, freqüentemente caracterizado como "língua de ordem livre de palavras". Segundo Van Valin e LaPolla (1997), em termos de estrutura focal, o russo é muito menos livre, mas, além de não excluir sujeitos focais pré-verbais, essa língua mantém o mesmo padrão de entonação que o inglês, sendo, portanto, também flexível em sua estrutura focal.

## **Universo de investigação e procedimentos metodológicos**

Ao discutir a interação entre a estrutura sintática e a focal, Van Valin (1999) assinala que um traço sintático interessante das línguas com estrutura rígida de foco é que elas são verbo-mediais (padrão SVO). O verbo atua como um marcador de fronteira, delimitando o domínio potencial de foco em orações; nem línguas verbo-finais, nem línguas verbo-iniciais dispõem de um determinador tão claro do domínio potencial; conseqüentemente, estas são muito menos rígidas quanto à indicação de foco.

Embora Van Valin e LaPolla não mencionem o português, é possível incluí-lo na mesma classe tipológica do inglês, isto é, na classe de línguas de estrutura de foco flexível, em virtude de o constituinte focal incidir, sem restrições, sobre qualquer constituinte da oração; e na classe de línguas de rigidez sintática em virtude de uma ordem fixa de palavras – a ordem SVO – que não precisa ser necessariamente modificada para acomodar a expressão focal. Essa similaridade não significa, entretanto, que os dois sistemas não possam manifestar algumas diferenças sensíveis que as situam em pontos diferentes de uma escala no âmbito do tipo em que se acham classificadas.

Apesar das semelhanças na ordenação dos constituintes oracionais, o português é, segundo Greenberg (apud DIK, 1989), tipologicamente uma língua pós-posicional e o inglês, pré-posicional, distinções que recorrem em domínios específicos, como a ordem dos constituintes em relação ao núcleo no interior do SN. Esse fato mostra a relevância da análise contrastiva aqui proposta, no que se refere à ordem de palavras e aos procedimentos marcados de expressão focal. A hipótese é a de que o inglês deve dispor de uma ordem mais rígida do que o português quando se trata de acomodá-la para a expressão de foco; em compensação, o português deve apresentar um uso relativamente menor de proeminência prosódica.

Para o estudo contrastivo, deu-se preferência à análise dos mecanismos gerais de marcação focal, conforme definidos em Dik (1989), em relação ao escopo: proeminência prosódica, ordem especial de constituintes, marcadores especiais, construções especiais.

Por ser o foco uma função pragmática importante no jogo interacional, optou-se por estudá-lo na comunicação oral em contextos informais, caracterizados como diálogos livres. Optou-se por *corpora* já existentes nas duas línguas, já que o levantamento de dados com detalhamento prosódico ainda por fazer demandaria um tempo excessivamente longo. Para a análise do português, deu-se preferência à análise de cinco inquiridos dos *Diálogos entre dois informantes* (D2) (CASTILHO; PRETI, 1986), variedades de São Paulo (D2-360), do Rio de Janeiro (D2-355) (CALLOU; LOPES,

1994), do Recife (D2-05), de Salvador (D2-98) e de Porto Alegre (D2-291). Para a análise do inglês, deu-se preferência pelo *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* (DU BOIS; CHAFE, 2000).<sup>7</sup>

## Panorama geral das estratégias de Foco

A análise do comportamento do português e do inglês falados em relação aos casos marcados da função pragmática de foco parte, como já mencionado, da classificação elaborada por Dik (1989). Consideram-se, primeiramente, as estratégias mais gerais de expressão de focalidade, ou seja, proeminência prosódica, ordem especial dos constituintes, marcadores especiais e construções especiais.<sup>8</sup> Vale lembrar que a expressão “marcadores especiais” envolve o uso de mecanismos lexicais de focalização ou os advérbios focalizadores, e a expressão “construções especiais” abriga os casos de sentenças clivadas e pseudoclivadas; por outro lado, tratou-se das construções de interrogativas em eco como um subtipo de estratégia formal de focalização, embora pudessem estar incluídas também na rubrica “construções especiais”. Os dados relativos a essa primeira distribuição geral estão expostos na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Estratégias formais de focalização

	Português		Inglês	
	n	%	n	%
Marcadores especiais	135	42,0	117	37,0
Construções especiais	63	20,0	53	17,0
Proeminência prosódica	22	7,0	110	35,0
Ordem especial de constituintes	97	30,5	3	1,0
Interrogativa em eco	1	0,5	3	1,0
Interrogativa em eco	318		316	

A variável determinante analisada é a diferença de comportamento entre as duas línguas quanto às estratégias formais de focalização. Os resultados mostram que a estratégia estatisticamente majoritária em ambas as línguas é o uso de marcadores especiais com 42% (135/318) no português e 37% (117/316) no inglês, cujos exemplos estão representados nas sentenças (1) e (2):<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Os dados foram coletados por Brentan (2001).

<sup>8</sup> A apresentação dos resultados estatísticos será devidamente ilustrada a seguir com exemplos retirados do *corpus* analisado.

<sup>9</sup> Nos exemplos, aparece grifado o marcador de foco e em negrito o termo sobre o qual incide a função focal.

(1) *(os homens os homens que estão lá... realmente... eles penam... penam bastante... é um tal de ter que trabalhar fo::ra porque não dá só o de lá... (D2-SP-360:721)*

(2) *[you have to tell].. students, never get... give a tutor.. anything... anything.. ever not even homework. (0004:347.33)*

As freqüências percentuais apontam mais para uma semelhança que para uma diferença marcante entre as duas línguas, o que se justifica no fato de ser o uso de marcadores um recurso lexical, não um recurso sintático. Por isso, o uso desse tipo de marcador não implica alteração nenhuma na natureza sintática dos dois sistemas lingüísticos, já que o escopo de advérbios focalizadores pode ser qualquer constituinte da oração bem como a oração toda sem alterações de ordem.

Outra semelhança notável no índice de ocorrências dessas estratégias gerais se verifica na freqüência de clivagem, com um índice de 20% (61/318) de uso na amostra do português falado e de 17% (52/316) na amostra do inglês falado, como se exemplifica nas sentenças (3) e (4) a seguir.

(3) *(a Laura não se definiu tenho impressão de que ela vai ser PROmotora... que ela vive acusando é aquela que. toma conta do pessoal ((risos)) (D2-SP-360:1373)*

(4) *what it amounts to is mutual r- respect (0007:107.98)*

Apesar de permitir que recursos sintáticos, como a inversão, possam ser usados, o inglês recorre, em primeiro lugar, ao uso de proeminência prosódica, deixando a alteração da ordem de palavras como um recurso secundário. É possível aplicar ao português o mesmo raciocínio. Entretanto, similaridades à parte, o português dispõe de flexibilidade sintática relativamente maior do que o inglês, por permitir com maior freqüência construções alternativas de ordem de palavras para a manifestação de foco.

Os outros fatores da Tabela 1 mostram haver uma inversão na freqüência de duas estratégias aparentemente alternativas: enquanto o português apresenta apenas 7% (22/318) de casos de proeminência prosódica e 30,5% (97/318) de casos de ordem especial de constituintes, essa relação se dá em uma proporção diretamente inversa à do inglês, cuja freqüência de casos de proeminência prosódica chega a 35% (110/316) contra apenas 10% (33/316) de casos de ordem especial.

É possível dar um tratamento ainda mais geral aos dados da Tabela 1, de modo a reagrupá-los, conforme aparecem na Tabela 2, em estratégias sintáticas (ordem especial, clivagem e interrogativa em eco) e estratégias não sintáticas (marcadores especiais e proeminência prosódica).<sup>10</sup>

Conforme a Tabela 2 indica, o português apresenta uma freqüência muito mais elevada que o inglês de estratégias de focalização que exigem acomodação da estrutura sintática. No inglês, é muito mais drasticamente diferenciada a distribuição entre os dois tipos de mecanismos. Há uma preferência majoritária por representar a função focal, alterando minimamente a sintaxe. Esses dados dão suporte mais consistente à

<sup>10</sup> Conforme explicitado anteriormente, os marcadores especiais consistem em advérbios focalizadores que aparecem imediatamente antes do constituinte que escopam, como em *tinha até tempero azul* (D2-RS-291: 107), e que, por isso, atuam pragmaticamente sem alterar a organização sintática da sentença.

hipótese de uma escala contínua entre as duas línguas, que, apesar de estarem configuradas ambas como de sintaxe rígida e foco flexível, acham-se situadas em pontos relativamente diferentes: o português tem sintaxe menos rígida e foco menos flexível.

Tabela 2 – Estratégias sintáticas e não sintáticas de focalização

	Português		Inglês	
	n	%	n	%
Estratégias não sintáticas	157	49,0	227	72,0
Estratégias sintáticas	161	51,0	89	28,0
Total	318		316	

É possível deduzir que essa inversão na incidência de duas estratégias alternativas confirma a hipótese acima: o inglês não tem necessidade de alterar a ordem de constituintes para se adaptar à estrutura de foco, bastando para isso usar proeminência prosódica; o português, pelo contrário, como emprega mais a estratégia de reordenação de constituintes que o inglês, acomoda a sintaxe, que é, por seu lado, menos rígida, para a expressão da função de Foco. O exemplo (5) a seguir mostra o emprego de uma construção com o complemento na posição P1, posição especial no início da sentença, para a manifestação de funções pragmáticas:

(5) *então:: eu trabalho (no) horário que eles estão na escola... e **o resto** eu trago para casa...*  
(D2-SP-360:482)

O inglês manifesta uma preferência pela estratégia de proeminência prosódica em oposição às construções de ordem inversa de constituintes; por isso, estas representam casos mais marcados de focalização, conforme se observa em (6).

(6) *...**!Joy** I like... cause she's really interesting* (0006:787.48)

Vale lembrar que os casos de proeminência prosódica incidem sobre o sujeito ou sobre constituintes à esquerda do núcleo, como operadores de termo ou de predicado, como se verifica nos exemplos (7) e (8), respectivamente:

(7) ***!Rana !Lee's** gonna have a baby by the way.* (0001:1232.27)

(8) *but I **di=d** tell someone,* (0008:882.35)

Um fato que deve ser mencionado para explicar o alto índice de proeminência prosódica no sujeito em inglês é que essa estratégia se deu, em grande parte, em razão da inclusão de novos personagens ou comentários nos diálogos gravados, conforme se observa no trecho inserido em (9) a seguir; no português, não foi possível identificar esse tipo de comportamento, pois os participantes das gravações mos-

tram-se, em geral, mais centrados no assunto proposto pelo próprio entrevistador; já as gravações do *corpus* em inglês são mais livres.

(9) A: *and the guy = that the teacher... threatened to throw against the wa=ll,... was put forward a year.*

B: **Eli** *graduated a year before I did* (0004:893.99)

Focalizando agora as interrogativas em eco, é interessante notar a baixa incidência em ambas as amostragens, com manifestação pouco significativa tanto nos dados do inglês, com 1% (3/316), quanto nos do português, com apenas um único caso; para línguas de sintaxe rígida, dotadas de uma construção própria para interrogativas parciais com palavras-Qu, resultam um tanto atípicas e marcadas as construções com o interrogativo *in situ*, como (10) e (11), já que esse tipo de construção implica uma alteração na ordem de constituintes que o inglês e o português evitam, paralelamente ao uso de construções com elementos do predicado na posição P1.

(10) a You went **where** (0004:267.83)

(11) L2 *por exemplo... a passagem você comprava **como**?*  
L1 *a passagem eu compro **a prazo**...* (D2-RJ-466:137)

É interessante observar que a interrogativa em eco no exemplo (11) é motivada pelo fato de que a pergunta de L2 já contém, na posição P1, um constituinte com função pragmática, no caso a de Tópico (o SN *a passagem*); não há, portanto, possibilidade de inserir em P1 o constituinte focal, que vai para o final da oração. A resposta de L1 mantém essa ordenação, com o tópico, no caso o objeto, deslocado para a posição P1, e o foco, que incide sobre o satélite de Modo, aparece em posição final não marcada, que é para onde vão, via de regra, os constituintes que veiculam a informação nova.

A quase ausência de interrogativas em eco confirma a hipótese de que, ao optar por construções sintaticamente bem diferenciadas para acomodar sentenças com foco marcado e distingui-las de sentenças de foco não marcado, o português mostra dispor de sistema de foco relativamente menos flexível que o inglês.

## O escopo das estratégias de focalização

Após comparar as duas línguas de acordo com o uso que fazem das diferentes estratégias de focalização, torna-se relevante verificar, agora, o escopo do mecanismo de focalização: a oração toda; o argumento (complemento; sujeito); o satélite; o predicado; o operador de predicado ou o operador de termo.<sup>11</sup> As Tabelas 3 e 4 a seguir mostram a relação entre estratégias de focalização e escopo.

11 Dik (1989, p.50) distingue operadores e satélites: o termo "operador" se refere aos mecanismos gramaticais, como gênero, número etc., que atuam sobre termos, e como tempo, aspecto etc., que atuam sobre predicados; já o termo "satélite" se refere aos mecanismos lexicais não argumentais, ou adjuntos, que atuam sobre a predicação.

Tabela 3 – Relação entre estratégias de focalização e escopo no português

	Marcadores especiais		Clivagem		Proeminência prosódica		Ordem especial		Interrogativa em eco		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Oração	24	18,0	2	3,0	-	-	-	-	-	-	26	8,0
Complemento	63	46,0	45	72,0	-	-	34	35,0	-	-	142	44,0
Sujeito	13	10,0	14	21,0	19	86,0	17	17,0	-	-	63	19,0
Satélite	17	13,0	1	2,0	1	4,0	43	46,0	1	100,0	63	19,0
Predicado	18	13,0	1	2,0	-	-	-	-	-	-	19	6,0
Operador de predicado	-	-	-	-	2	10,0	-	-	-	-	2	1,1
Operador de termo	-	-	-	-	-	-	3	2,0	-	-	3	1,9
Total	135	42,0	63	20,0	22	7,0	97	30,5	1	0,5	318	

Tabela 4 – Relação entre estratégias de focalização e escopo no inglês

	Marcadores especiais		Clivagem		Proeminência prosódica		Ordem especial		Interrogativa em eco		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Oração	11	10,0	-	-	-	-	-	-	-	-	11	3,0
Complemento	39	33,0	45	84,0	-	-	6	18,0	3	100,0	93	29,0
Sujeito	3	2,0	4	8,0	103	93,0	-	-	-	-	110	34,0
Satélite	-	-	-	-	-	-	27	82,0	-	-	27	9,0
Predicado	64	55,0	3	8,0	-	-	-	-	-	-	67	22,0
Operador de predicado	-	-	-	-	5	5,0	-	-	-	-	5	2,0
Operador de termo	-	-	-	-	3	2,0	-	-	-	-	3	1,0
Total	117	37,0	52	17,0	111	35,0	33	10,0	3	1,0	316	

Observando-se, inicialmente, apenas os totais relativos ao constituinte sobre o qual incide a focalização, é possível notar que, no caso da amostragem que se analisa neste trabalho, construções de foco marcado, o foco largo, que, segundo Van Valin e LaPolla (1997), é o que se estende por toda a oração, é relativamente reduzido nas duas línguas, resumindo-se a 8% do total de casos do português e apenas 3% do total dos casos do inglês. Em sua grande maioria, os casos de foco registrados incidem sobre algum constituinte da predicação, configurando-se uma preferência quase absoluta por foco estreito nos dois sistemas lingüísticos.

Em relação aos casos de foco estreito, há algumas diferenças significativas a assinalar. Como seria de esperar, há grande incidência de foco no complemento. Como

é natural que a informação nova recaia sobre o comentário, é necessário haver alguma estratégia especial para salientar o complemento além do esperado, conforme se observa em (12):

(12) **o empréstimo** *you are always waiting for it to come* (D2-RJ-355:869)

O português mantém incidência significativa de expressão focal sobre o satélite e sobre o sujeito, cada qual com 19% (63/318) dos casos, conforme se observa respectivamente nos exemplos (13) e (14).

(13) *because if you were paid a decent salary... you would work **numa universidade só... numa escola só*** (D2-RJ-355:1462)

(14) *well, when people go to make a sandwich, anything, **o Maciel é que vai, ele e o Barte é que vão** para a cozinha* (D2-POA-291:81)

São escassos os casos de incidência de foco sobre o próprio verbo e sobre operadores de predicado. Para ilustrar, inserem-se abaixo dados que representam, respectivamente, escopo sobre o predicado e sobre um operador de predicado (o operador de negação).

(15) *and **ter sido chamada**... (há) questão de dois anos e meio* (D2-SP-360:607)

(16) *statistics **NÃO**... say that the statistician says that the statistician is the man who sits...* (D2-RE-05:32)

Nos dados do inglês, a incidência majoritária é sobre o sujeito, com uma frequência de 34% (110/316) dos casos, seguida de um percentual de 29% (93/316) de foco sobre o complemento e 22% (67/316) de foco sobre o predicado, numa distribuição muito diferente da que já se discutiu relativa aos dados do português falado. As sentenças (17), (18) e (19) ilustram respectivamente esses três tipos de escopo.

(17) *and **!Jay's** not supposed to go on those anymore*, (0007:4444.58)

(18) ***farrier** is what they're called* (0001:266.37)

(19) *I just **think** it's so damn weird we're here* (0005:529.10)

Com o escopo no satélite, a incidência de foco é relativamente baixa no inglês, restringindo-se a apenas 9% (27/316) dos casos. Exatamente como no português, são reduzidos e pouco significativos os casos de foco com escopo nos operadores de predicado e de termo. As sentenças (20), (21) e (22) ilustram respectivamente esses casos menos frequentes de foco incidindo respectivamente sobre um satélite, sobre um operador de predicado (verbo modal) e sobre um operador de termo (quantificador).

(20) *and I read that **!ater** you know it was much later I read that in a book where...* (0005:305.92)

(21) *you d- you d- ca=nt do that* (0001:457.41)

(22) *and fifty percent of a=lli males, arfe HIV positive.* (0002:628.78)

Quanto ao escopo de foco estreito, os dois sistemas lingüísticos diferem, conforme a seguinte hierarquia, cujo aspecto mais curioso a salientar é que mudam drasticamente de ordem as posições de sujeito e de satélite:

1 -----> 2 -----> 3 -----> 4

<b>Português:</b>	Complemento	Satélite	Sujeito	Verbo
<b>Inglês:</b>	Sujeito	Complemento	Verbo	Satélite

Examinando, agora, a relação entre tipo de mecanismo focalizador e seu escopo, pretende-se abordar apenas os casos de clivagem e ordem em comparação aos de proeminência prosódica, visando com isso analisar a interferência dos mecanismos de focalização na sintaxe das duas línguas examinadas.

Tratando-se inicialmente dos dados do português (ver Tabela 3), verifica-se que os mecanismos de clivagem incidem majoritariamente sobre o complemento, com um índice de 72% (45/63) e, em seguida, sobre o sujeito, com 21% (14/63), o que, de certo modo, mantém a hierarquia mostrada. Vê-se que, no que tange à ordem especial de constituintes, a hierarquia se altera: há 46% (43/97) de construções de ordem marcada com incidência sobre satélite, seguidas de 35% (34/97) desse tipo de operação incidindo sobre o complemento. Nota-se haver uma preferência por alteração da sintaxe para admitir foco sobre complementos, satélites e sujeitos nos dados do português. É interessante observar que, como uma distribuição complementar, a grande maioria dos casos de proeminência prosódica no português incide sobre sujeito: 86% (19/22). Em suma, há uma preferência, nos mecanismos sintáticos, por constituintes do predicado, complementos e satélites, enquanto, no de proeminência prosódica, que mantém intacta a ordem de palavras, o português tende a dar preferência para foco no sujeito, que, nesse caso, fica alocado em sua posição inicial, com a manutenção do padrão SVO.

Quanto aos dados do inglês, é possível confirmar, nos dados da Tabela 4, um grande número de casos de proeminência prosódica, com alta incidência sobre o sujeito: 93% (103/111). É interessante verificar que clivagem incide majoritariamente sobre o complemento, com 84% dos casos (44/52), e alteração de ordem majoritariamente sobre o satélite 82% (27/33). Similarmente ao português, o inglês prefere os mecanismos sintáticos para focalizar constituintes do predicado, enquanto o uso da proeminência prosódica incide sobre o sujeito.

As duas línguas apresentam certa rigidez na relação entre o constituinte escopado e o tipo de estratégia focal; assim tanto o inglês quanto o português mantêm a seguinte relação: proeminência (sujeito), clivagem (complemento); ordem (satélite > complemento). As diferenças não indicam posições no *continuum* mas frequências de uso. Além disso, no inglês, o emprego de marcadores especiais incide preferencial-

mente sobre o predicado e o sujeito, enquanto no português incide majoritariamente sobre o complemento, a oração toda e depois predicados e satélites.

## Palavras finais

Um balanço final da análise empreendida na seção anterior mostra que marcadores especiais manifestam a mesma proporção de casos nas duas línguas, uma vez que, não constituindo estratégia de natureza sintática, seu escopo é qualquer constituinte da oração, bem como a oração toda, sem necessitar de alterações na ordem dos constituintes. Em virtude dessa característica, o uso dessa estratégia não acarreta nenhuma consequência para a alteração ou não de rigidez sintática e flexibilidade focal.

Apesar dessa similaridade, confirmou-se amplamente a hipótese de que o inglês dispõe de sintaxe relativamente mais rígida que o português, apresentando um número menor de possibilidades de reordenação de constituintes. Um parâmetro que se correlaciona harmoniosamente com a sintaxe mais rígida do inglês ficou evidente na frequência relativamente maior de uso de proeminência prosódica que o português. A idéia de sintaxe mais rígida se justifica no fato de que esse tipo de saliência focal, de natureza acentual, não implica a necessidade de reestruturação sintática para acomodar a atribuição de uma função pragmática como a de Foco.

Conforme os resultados demonstram com meridiana clareza, o português dispõe de uma frequência, muito mais elevada do que o inglês, de estratégias de focalização que exigem acomodação da estrutura sintática. O inglês, todavia, torna ainda muito mais drástica e diferenciada a distribuição entre os dois tipos de mecanismos. A preferência majoritária é por executar a atribuição de foco alterando minimamente a sintaxe, princípio que se vê confirmado nos índices percentuais discutidos.

Houve também uma interação do tipo de mecanismo de focalização e do escopo com o grau de rigidez da estrutura sintática. Com relação, inicialmente, apenas ao constituinte sobre o qual incide a estratégia de focalização, é possível notar que a incidência de foco largo, que se estende por toda a predicação, é relativamente reduzida nas duas línguas. A grande maioria dos casos de Foco recai sobre algum constituinte da predicação, configurando-se uma preferência quase absoluta por foco estreito, aspecto que não distingue os dois sistemas lingüísticos.

Em relação aos casos de foco estreito, os resultados apontam para algumas diferenças significativas que cabe retomar neste balanço final. Há uma grande incidência de foco marcado no complemento, tendência que não é de todo imprevisível: como é natural que a informação nova recaia sobre o comentário, é necessário haver alguma estratégia especial para salientar o complemento além do esperado. O português mantém incidência significativa sobre complemento e satélite, e o inglês, sobre sujeito e complemento, deixando o escopo sobre satélite na última posição da hierarquia.

O exame da relação entre tipo de mecanismo focalizador e seu escopo restringiu-se ao enfoque dos casos de clivagem e ordem, em comparação aos de proeminência prosódica, já que o objetivo específico desse procedimento analítico foi verificar a interferência dos mecanismos de focalização na sintaxe das duas línguas examinadas.

Os resultados demonstram haver uma preferência do português pela alteração da sintaxe para admitir foco sobre complementos, satélites e sujeitos. Mais interessante ainda foi observar a existência de uma distribuição complementar entre as duas línguas no uso de estratégias focais.

Com efeito, embora reduzidos, os casos de proeminência prosódica do português incidem sobre o sujeito. A principal consequência disso é que há uma preferência, no uso de mecanismos sintáticos, por constituintes do predicado, como complementos e satélites, enquanto no uso de proeminência prosódica, que mantém intata a ordem de constituintes, o português tende a dar preferência para foco no sujeito que, nesse caso, fica alocado em sua posição inicial, com a manutenção da ordem SVO.

O exame dos dados do inglês permitiu observar um grande número de casos de proeminência prosódica, com alta incidência sobre o sujeito. Verifica-se especialmente que o uso de clivagem incide majoritariamente sobre o complemento, e a alteração de ordem, sobre satélites. Similarmente ao português, o inglês prefere os mecanismos sintáticos para focalizar constituintes do predicado, enquanto proeminência prosódica incide sobre o sujeito.

As duas línguas apresentam rigidez funcional na distribuição entre os tipos de estratégias e a preferência por um constituinte do esquema de predicado, preservando-se a seguinte relação: proeminência (sujeito), clivagem (complemento), ordem (satélite > complemento). Há, todavia, importantes diferenças nas frequências de uso que, como se viu, permitem distinguir as duas línguas em pontos diferentes na escala tipológica. Além disso, quanto aos marcadores especiais, o inglês os emprega, em maior escala, com predicados e com sujeitos, enquanto o português os usa para focalizar complementos, a sentença toda, e, depois, verbos e satélites.

Para finalizar, pode-se afirmar que os resultados dão suporte mais consistente à idéia de uma escala entre as duas línguas, que, apesar de estarem configuradas ambas como sistemas de sintaxe rígida e foco flexível, acham-se situadas em pontos relativamente diferentes: o português dispõe de sintaxe menos rígida e foco menos flexível que o inglês. De um ponto de vista teórico-metodológico, o exame do foco demonstrou que a aproximação entre a teoria funcional de Dik (1989) e a de Van Valin e LaPolla (1997) é muito produtiva, merecendo ser ainda explorada com mais profundidade em outras áreas da relação entre sintaxe, semântica e pragmática.

CAMACHO, R. G., BRENTAN, P. F. C. Focus assignment in spoken Portuguese and in spoken English. *Alfa*, São Paulo, v.46, p.95-110, 2002.

- *ABSTRACT: This paper examines the marked constructions of Focus assignment in spoken language by comparing Portuguese and English in order to establish a typological pattern of functional behavior. The analysis is based on Dik's FG (1997) and on RRG framework (Van Valin & Lapolla, 1997). In the light of the RRG concepts, both Portuguese and English have, on one hand, flexible focus structure since the focus constituent falls on any clause constituent without any restriction and, on the other hand, both languages have rigid syntax in virtue of a relatively fixed word order – SVO; thus, the syntax needs not to be modified to accommodate focus expression. The results show that, in spite of these similarities, Portuguese and English*

should be placed in different points of a continuum: Portuguese has a less rigid syntax and less flexible focus structure than English. Moreover, the interaction of focus structure and syntax shows that the compatibility between FG and RRG is theoretically relevant to capture relations between syntax and pragmatics.

- KEYWORDS: Spoken language; word order; pragmatic function; focus.

## Referências bibliográficas

- BRENTAN, P. F. C. *Estratégias marcadas de focalização no inglês e no português falado: análise contrastiva*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2001.
- CALLOU, D.; LOPES, C. R. (Orgs.) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ/Capes, 1994. v.3.
- CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1986. v.2.
- DIK, S. *The theory of functional grammar: the structure of the clause*. Dordrecht: Foris, 1989. pte. 1.
- \_\_\_\_\_. Focus constructions: basic patterns. In: \_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar: complex and derived constructions*. New York: Mouton, 1997. p.291-312.
- DU BOIS, J.; CHAFE, W. *Corpus of Spoken American English*. Santa Barbara: University of California at Santa Barbara, 2000. 1 CD-ROM.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.13, n.12, p.191-214, 1997.
- VAN VALIN, R. A typology of the interaction of focus structure and syntax. In: RAXILINA, E.; TESTELEK, J. (Eds.) *Typology and linguistic theory: from description to explanation*. Moscow: Language of Russian Culture, 1999. p.511-24.
- VAN VALIN, R.; LaPOLLA, R. Information structure. In: \_\_\_\_\_. *Syntax: structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.199-237.